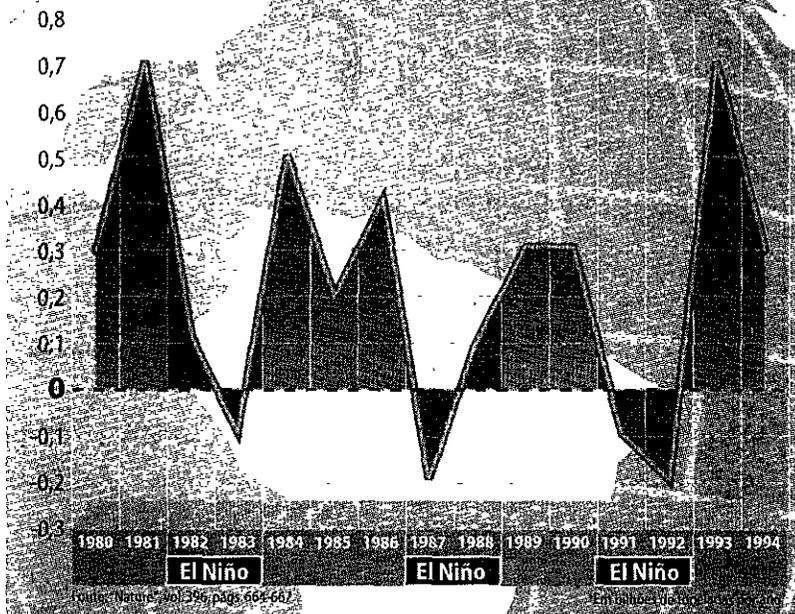


Absorção e emissão de CO₂ na Amazônia*

Quanto a floresta amazônica retirou (valores positivos) de gás carbônico (CO₂) da atmosfera ou acrescentou (valores negativos) a ela



AGENCIAMENTO
17/12/92
AGENCIAMENTO

Amazônia 'emagrece' por causa do El Niño

MARCELO LEITE
especial para a Folha

A floresta amazônica é a mais bem-nutrida do planeta, com 10% da biomassa (matéria vegetal) terrestre, mas entre humanos seria do tipo "sanfona". Seu peso (quantidade de carbono estocada como madeira) varia muito, em especial com a dieta rigorosa do El Niño.

Essa concentração anormal de águas quentes na costa oeste da América do Sul afeta o clima global. Na Amazônia, traz ar mais seco e quente, com menor precipitação, o que altera o metabolismo da floresta. Cai a produtividade primária (criação de biomassa).

A constatação foi feita por cientistas americanos com simulações por computador. Eles usaram programas que imitam o comportamento do ecossistema sob diferentes condições climáticas. O resultado sai hoje na revista "Nature".

A biomassa é produzida com a fotossíntese (inibida quando diminui a umidade do solo, nas manifestações mais severas do El Niño). Nesse processo, o CO₂ (gás carbônico) é retirado da atmosfera e fixado na floresta como madeira.

Por isso florestas como a amazônica são vistas como estoques de carbono capazes de contrabalançar o aumento do efeito estufa. Elas retirariam parte do CO₂ que a humanidade está lançando na atmosfera com a queima de combustíveis e o desflorestamento.

Aumentando mais devagar a

concentração de CO₂ atmosférico, retarda-se o aquecimento global. Essa elevação da temperatura média da atmosfera terrestre pode alcançar 3,5°C no próximo século.

O trabalho na "Nature" sugere que não é tão simples incluir florestas tropicais entre os créditos, no balanço de carbono global. Como consequência de um El Niño, elas podem tornar-se fontes líquidas de carbono e não mais sorvedouros (veja quadro acima).

A pesquisa, cabe lembrar, baseou-se apenas em modelos por computador. Eles dependem de uma calibragem com medidas de campo, ressalva Niro Higuchi, especialista em medição de biomassa do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), em Manaus.

Higuchi, 46, acredita que os dados sobre perda de biomassa podem estar corretos, mas defasados. Ele diz que os efeitos não são sentidos no próprio ano do El Niño, mas um a dois anos depois, porque as árvores que morrem demoram a se decompor. Só então sua madeira é reconvertida em CO₂.

O refinamento de modelos depende de campanhas caras e demoradas como o LBA (Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia). Liderado no Brasil pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), o LBA empregará dezenas de cientistas também dos EUA e da Europa, US\$ 10 milhões e até aviões da Nasa, durante seis anos, para desvendar o metabolismo da floresta.